

ENTREVISTA REALIZADA DIA 27 DE JULHO DE 1999.

(1) ENTREVISTADOR: ALEXANDRE FORTES

(2) ENTREVISTADO: ARMANDO PINHEIRO

...

(1) Eu vou lhe explicar então, a questão da pesquisa: eu estudei História aqui na Unisinos, e trabalhei aqui...

(2) Eu gosto disso aí...

(1) Pois, é... E eu trabalhei aqui durante um tempo, antes de ir pra São Paulo. Eu estou há nove anos agora, lá em São Paulo porque eu fui pra fazer Mestrado, Doutorado, pra continuar o estudo de História, e eu trabalhava já aqui, antes de ir, com acessoria ao movimento sindical. Inclusive, na eleição do Sindicato, lá dos metalúrgicos de 88, quando o pessoal da... O Jairo ganhou, eu ajudei na campanha...

(2) O Jairo Carneiro, não é?

(1) O Jairo Carneiro. Eu ajudei na campanha, e tudo... Então, trabalhava aqui, trabalhava com sindicato da área de calçado, também... Então, eu fiquei estudando História do movimento sindical, do movimento operário, mesmo. Aqui de Porto Alegre.

(2) Como assim? Como aconteceu o sindicato? Como ele começou?

(1) Como ele começou, como se desenvolveu depois... Então, aqui, esse livro por exemplo, já é um livro que a gente lançou - eu sou o Alexandre...

(2) Alexandre...

Alexandre Fortes. Aqui são vários estudos sobre vários sindicatos, e o meu, que já é da minha tese de mestrado, eu fiz esse artigo sobre o Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre neste período de 31 à 45. Da fundação do Sindicato até 1945.

31... Deixa eu ver... Março... Dia 9 de março.

(1) Isso...

(2) De mil novecentos...

(1) 1931. Isso mesmo. O Sr. tem... Isso aqui é um inventário. Seu Armando, não é?

(2) Deu uma confusão aqui. Vou fazer no ano 2001, 60 anos de sindicato.

(1) 331... 22 de fevereiro de 40, não é? Sou supersticeiro! Dos que ainda estão por ai, o Sr. é dos mais antigos, não é?

(2) Muito poucos, assim não é? Não encontro mais ninguém. Há um tempo que não... Agora, tem muitos diplomas que eu ganhei quando fiz 25 anos de sindicato, quando fiz 30, 35 ganhei de novo, e quando fiz 50 anos ganhei de novo, também.

(1) Claro. Que beleza. Quer dizer, fevereiro do ano que vem já tem festa, então. E, Sr. Armando, me diz uma coisa, o Sr. é de quê ano? O Sr. nasceu em quê ano?

(2) 1917.

(1) 1917. E o Sr. já nasceu em Porto Alegre.

(2) Nasci em Porto Alegre, na Pereira Franco.

Tá. Que é aonde, mais ou menos?

Quarta Delegacia entre a D. Pedro II e a Brasil

(1) Certo...

(2) Conhece a Benjamin Constant?

(1) Certo.

(2) Pois segue a D. Pedro II, melhor entrar lá, que tem a Quarta Delegacia, que sai lá para o lado da Ceará, ali...

(1) Ali é o quê? São João? Mais ou menos...

(2) Ali é São João.

(1) São João, não é?

(2) Fui batizado na Igreja de São João.

(1) Na Igreja de São João... O.k... E a sua família já era daqui, mesmo. Já... Os seus pais.

(2) O meu pai era fronteira. D. Pedrica. Mãe, Iamão. Mas nós todos, meus irmãos, nascemos ali na Quarta Delegacia que tem... Não quero dizer pra gente não voltar muito...

(1) Não! Pode falar à vontade.

(2) ...A primeira... Negócio de atender doentes, feridos, baleados, era na nossa casa. Que nós morávamos ao lado da Delegacia, a casa, não é? Então nós cedíamos uma peça para... eles faziam ali, atendiam os doentes, tudo, os feridos. Os feridos, não é? Meu pai era trabalho de rua. No início, ele ficou lá dentro na escrita, lá na _____.

(1) Ele trabalhava na Delegacia, mesmo...

(2) Sim. Ele era inspetor, depois passou a ser delegado, lá. Eu não sei se ele era inspetor _____ ou delegado, lá. Mas sei que ele aí, ficou na escrita, lá dentro.

(1) Tá... Certo.

(2) Todos nós nascemos ali na Pereira Franco.

(1) E vocês eram...

(2) Quatro irmãos.

(1) Quatro irmãos. Tá...

(2) Um morreu logo, e os outros _____ mais maduros.

(1) E o Sr. trabalhou sempre em metalúrgica?

(2) Sempre! Queria saber, assim... Trabalhei... Com 10 anos iniciei na Casa Crup, em alemão. Fechaduras e materiais de obras. Essa fábrica ficava na Ceará com a Cariú e a Germânia. Não, Germânia, não! A Arabutã.

(1) A Arabutã. Sei...

(2) Encontravam lá na Ceará, ali era um campo grande. Ali era a Casa Crup. Esse... O Diretor da Casa Crup, era Klaus, que veio trabalhar em cofres no Biens, fábrica Biens, já ouviu falar? A Berta Biens?

(1) Sim. Berta Biens, não é?

(2) É. E ele fazia segredos de cofre e tudo na Casa Crup e fechaduras, também. Então, a gente aprendeu ali muita coisa.

(1) Ah, tá...

(2) O velho Klaus. Francisco Klaus. Ele é originário da Alemanha, não é?

(1) Da Alemanha, mesmo, não é? Nascido lá.

(2) Ali eu trabalhei de 1928 até 38!

(1) Bastante tempo.

(2) Dez anos. Depois dali, nem tinha carteira ainda, de identid..., de trabalho, até ali! Ai, depois já entrou futebol, não era porque eu queira, mas assim, jogava bem, apesar da minha altura, tinha isso aqui muito forte, aí me levaram pra trabalhar... Nesse tempo eu já estava jogando em outro elemento, na Chimel e Retsfelt, que era na Cância Gomes, antes do Vale do Taurus, ali. Conhece a Cância Gomes?

(1) Sim.

(2) Conhece?

(1) Sim.

(2) Então, eu saí de lá e fui trabalhar ali. Ali, eu trabalhei de 38... Quatorze anos e meio. No Chimelim, ali. Eu trabalhei esse tempo, e não quis trabalhar no Rena porque era um lugar... Mas eu tinha, eles me deram um torno pra mim trabalhar por peça... Porque eu sempre gostei de dinheiro, também, não é?

(1) Claro.

(2) A gente pensava em se divertir mas ter um fundozinho, não é?

(1) Claro.

(2) Então, eu achei que eu não devia ir lá, porque lá era pra aprender a riscar roupa, era cortador de roupa o que os operários jogador de bola, eles davam o emprego.

(1) Ah...! Tá... O pessoal jogava no time e trabalhava...

(2) Jogava no Juvenil, fui campeão, em 37, 38, e depois joguei nos amadores, também. Depois, eu me desinteressei um pouco e jogava na Varzea, muito bem... Ai, eu trabalhei nesse Chimelim de mil novecentos... Deixa eu ver... Dez anos... Eu te falei 28, 38! Ai, a

firma começou a cair. Esse Chimelim era parente daquele lutador de boxe, Maxwell, é da mesma família.

(1) Interessante...

(2) Então, eu trabalhei 14 anos e meio, aí a firma começou... Já estava meio... Ligado

(1) Então, de 38 até 50 e poucos...

(2) 52!

(1) 52! Tá...

(2) Aí então, o Taurus, era mais adiante, na Cândia Gomes, e eu tinha muitos amigos. Eu já estava casado, então eu estava pensando em arrumar um serviço no Taurus. Então eles estavam interessados em me arrumar lá, até que deu. Então, quebrou, fiz um acordo lá, na firma lá, e trabalhei no Taurus, deixa eu ver... quase 19 anos! Trabalhei até fevereiro de 1970, quando me aposentei. Dezesete pra dezoito anos no Taurus. Sempre metalúrgico. Aí, não me retirei do sindicato! Eu poderia me afastar, porque não era mais metalúrgico. Mas eles me consideraram, e eu continuei pagando, sempre pagando a mensalidade, com desconto! Usava o sindicato, ganhei bolsa de estudos... Não. O Juarez não se encontrava em _____, mas os outros dois filhos eu formei através de bolsa de estudo do Ministério do Trabalho. Ganhava lá umas bolsas do OPEB, conheceu?

(1) Não, não cheguei a conhecer, não.

(2) Era uma bolsa de filhos de operários...

(1) Do Ministério...

(2) ...da indústria. Foi assim. Em 70 eu parei. Já estou em outro serviço 26 anos.

(1) Certo.

(2) Cobrador. Eu trabalho no Centro Médico Círculo dos Operários.

(1) Ah, tá...! O Sr. trabalha no Médico Círculo dos Operários! Ali na Colônia?

(2) Na Colônia. Fui da Diretoria, trabalho lá... 73 até agora, estou lá ainda.

(1) Quer dizer que, basicamente, o Sr. só teve 4 empregos...

(2) Foi!

(1) ...a vida toda, quatro...

(2) Quatro empregos.

(1) Bastante tempo em cada lugar.

(2) Hein?

(1) Bastante tempo em cada lugar.

(2) Bastante tempo. Todos eles eu fiz estabilidade. Naquela época se falava... A nossa missão maior era fazer estabilidade pra ter a segurança, a garantia. Até que veio esse fundo de garantia e aí pegava os 9 anos, mandava embora pra não fazer estabilidade e tudo... Muito bem. Agora, se quiser saber alguma coisa a mais do sindicato, como é que foi...

(1) É. Eu vou lhe perguntar uma coisa... Antes deixa só eu lhe perguntar uma coisa: O Sr. falou que entrou com 10 anos no... no...

(2) Comecei a trabalhar.

(1) Começou a trabalhar. E o Sr. começou a trabalhar fazendo o quê?

(2) Olha, eu fazia tudo. Até... Eu era de varredor, trabalhava em máquinas, furadeiras, serviço em geral. A gente não tinha muita missão naquele tempo. Então, eu trabalhei até levar dinheiro, correspondência para o Banco. Até isso! Não tinha problema. Minhas irmãs moravam perto, me ajudavam, me cuidavam de mim, eu ia, eles confiavam em mim, eu ia levar dinheiro para o pagamento, buscar, também, nos bancos... E lá dentro, depois, eles me pegaram e me botaram em máquina. Eu peguei um torno.

(1) Na Crup, ainda...

(2) Na Crup. Já comecei a aprender a fazer serviço de torno ali. E, cujo... Quando eu fui para o Chimelim, aí eles me deram um torno muito grande, eu era baixinho, tinha que botar escada, mas aí não dava, porque eu jogava, jogava futebol, e eu era tipo um líder, assim, entendeu? O pessoal me obedecia muito porque eu era metalúrgico e o Mesquita tinha uma visão, ele usava muito isso, por exemplo, líder, e futebol, e quantas coisas mais de sindicato que... Aqueles muito farristas o Mesquita não se interessava. Ele era um homem que te enxergava muito longe! Então, eu pegava pessoal para o sindicato, e usava assim. Primeiro tu vai lá e conversa a tua conversa, mas pega sócio para o sindicato. Então, a gente: "A conversa tá muito boa mas precisamos entrar para o sindicato! É lá que nós precisamos..."

(1) E organizava a festa do futebol, tudo...

(2) Sim, torneio, festa, pique-niques, se usava muito pique-nique lá nos Navegantes.

(1) Tá... Aonde fazia os pique-niques?

(2) Lá no _____

(1) _____

(2) Então, a gente ia. Agora...

(1) Isso, já ligado ao sindicato. Fazia essas atividades todas... Ou não?

(2) Não... Não é...

(1) Fazia por conta própria, e, depois, aos poucos...

(2) É. Por conta própria. Não, não. No sindicato era o seguinte... Isso eu não quero deixar não, de dizer, a reunião era o maior problema do sindicato: não ia ninguém. Aí, tu vê a idéia do Mesquita, como ele era um homem de muita visão, a reunião era na rua Riachuelo, no Clube Rui Barbosa. Mas não ia ninguém! Aí, ele bolou, arrumou com a Bhrama, chope e sanduíche. Enchia a sede! Isso aí é uma coisa que... Não é? O pessoal... Ele não servia antes de começar a reunião, não. Só depois da reunião! Aí, ele segurava o pessoal lá.

(1) Certo... Isso quando ele já era presidente.

(2) Já era presidente. Foi o meio dele segurar o pessoal lá. Foi chope, sanduíche vinha lá da... Eu nem sei se era do Roco, da onde vinha de montão! Sobrava, e ele mandava pra nós levar ainda. E aí, ele pegava mais gente, não é?

(1) É. Eu ví fotos lá do sindicato mesmo, até fiz cópias de algumas, do Mesquita, da época dele, de bailes do sindicato, de...

(2) Sim. A colônia de férias, não fala?

(1) É. A construção da colônia...

(2) Sim. Ele fiscalizava, lá. As famílias quando saíam pra... passava o tempo deles, ele entrava lá pra ver se não quebraram nada, se não... Ele e a Dona Hortência, mulher dele. Chamavam, deixavam ir embora, mas tem que pagar isso, tem que arrumar.

(1) Mas em segredo.

(2) Em segredo.

(1) E essa colônia foi feita quando?

(2) A colônia foi feita em 65. Essa colônia foi o seguinte... O Sr. Fausto... Deixa eu me lembrar... O nome do Fausto era Agrocidreira! Plantação de... Dessa... Pielsen... Pielsen. E eles deram aquelas terras para o sindicato pra desenvolver lá, que estava morto aquilo lá. Não tinha nada. E o sindicato lançou os títulos, vendendo à rodo. E eu, sinceramente, eu comprei mas sem esper... Até estava chegando um veraneio de _____, que tinha lá. Tinha amigos que tinham veraneado lá com a família... Mas comprei. Não podia me negar, que eu era do sindicato, não é? Dei 1 e 200, e comprei. E aí começou. Era uns pardieirozinhos, um emendado no outro, e tal, a gente foi indo. Demorou. Construíram uma sede lá atrás, e era para os bailes, a Copa e reuniões, assim. E agora eu soube que inauguraram, não fui ver ainda, tem construção ao redor de tudo. Mas demorou muitos anos! Já melhoraram um pouquinho aquelas casinhas, tiraram uma tábu, botavam um... Até que conseguiram.

(1) Agora, esse 65, o Mesquita não foi cassado em 64? Quando houve o golpe?

(2) Ele foi cassado.

(1) Ele foi.

(2) Mas ele não parou. Ele era uma verdadeira formiguinha. Ele não parou. E ele então, fazia reunião na casa dele e tudo. O Mesquita era... Incrível. Até, um detalhe que eu quero te contar, como é mesmo o seu nome?

(1) Alexandre.

(2) Quando ele comprou lá no Passo da Areia, eu rompi com ele.

(1) Certo...

(2) Porque, eu não sei aí eu estava puxando, já eu estava morando em Canoas. Eu tinha casado e fui morara em Canoas, perto do Colégio _____ . Conhece?

(1) Conheço, conheço.

(2) Disse que vai ficar ruim de nós sermos amigos, tu entende de futebol, tu tem teus amigos, mas eu, tu não me leva a mal, eu tenho mais visão. Tu sabe que não demorou 6 meses, foi pra Passo da Areia...? Porque o ... Aonde progrediu Passo da Areia até a Igreja Cristo Redentor. O Brizola botou os bondes até a volta do _____. Veio a _____, madeireira, veio o Matarazo, Varig, e a Cinta Rena, e começou: Zive, tudo... E aí tive que dar as mãos à palmatória. E ele lamentou não ter comprado mais, aí. Veio com Conceição, também. Mas ele reservou uma faixa de terra na Assis Brasil para os filhos dos metalúrgicos aprender a trabalhar na lavoura. E aí, a gente teve que dar as mãos... Como ele tinha...“O progresso está aqui!”, ele disse que tinha o mar, mais saída e tudo. E olha só o sindicato o que é hoje! Foi assim. Era um homem assim. Que enxergava as coisas bem adiante!

(1) E aquela sede aí foi por 52, por aí... nessa época também, não?

(2) É, foi. Por aí. É, justamente!

(1) Porque eu ví as fotos...

(2) Porque ele comprou as terras...

(1) Porque eu ví as fotos do Jango, o Jango era ministro...

(2) Aí que o sindicato começou a desenvolver. Porque o sindicato não tinha força. Quando o Jango foi ministro _____, não é? Inclusive, ele deu o maior aumento que já se ganhou aqui em Porto alegre! Ele deu 60% em cima do salário! Parcelado. Cada mês, 10%. Parece que foi 6 meses, a gente ganhava sempre 10% em cima do salário. Tudo com a eletro... Aproveitou-se quando o Jango estava de ministro, o sindicato deu um salto pra frente! Mas aí, o Mesquita usou, aí que se pegava sócio! Fazia-se campanha. E junto com as campanhas, também se fazia pra ajudar metalúrgico doente, família mal, tudo isso também entrava. Era um homem também, muito humanitário. Isso foi um detalhe que não se pode esquecer. Nós fomos... Mas estava assim, devagarzinho, mas ia indo, mas com a ida do João Goulart pra ministro do trabalho, aí a gente deu um salto pra frente. Agora, havia muita perseguição, quem era metalúrgico, os patrão botava pra rua. Quem era da diretoria, eles perseguiam, não é?

(1) Do sindicato.

(2) Perseguiam. Então, quando a gente tinha um líder assim, nota bem, que a gente precisava dele lá no sindicato, mas davam um cargo pra ele no sindicato que os patrão não podia botar na rua. Isso foi aprovado, então, aquele... Às vezes, a pessoa nem era muito capaz, mas a gente queria conservar ele, ali ele era intocável. E ele contava tempo. Se ele tinha 9... Nós deixava...Reelegia ele mais tempo, pode estar alguma coisa errada, mas ele fazia os 10 anos e não ia pra rua.

(1) Pra pegar estabilidade.

(2) Pegar estabilidade. Já viu como não era?

(1) Isso era um jeito de manter as lideranças...

(2) Era o único meio de manter. Se não, chegava 9 anos e 2 ou 3 meses ia : “rua!”, dizia que _____ e assim... Tudo isso o Mesquita. Um homem, não é? Em uma ocasião, um cobrador... no sindicato tinha cobrador que ia em casa. E tinha um

muito antigo _____ . E ele ficou doente e se aposentou. E o INPS descobriu que ele não podia trabalhar, porque não... O tempo de serviço não podia trabalhar no... Eles tocavam pra rua. Então, ele fez assim: “Tu vais cobrar e não vai aparecer teu nome. Tu sai, larga aí, mas a tua mulher é que vai assinar aqui tudo e tu que vai trabalhar”. E ele continuou no serviço dele e a mulher que aparecia. Isso foi um golpe do Mesquita.

(1) E isso assim, de demitir o pessoal que era do sindicato, isso todas as empresas faziam, ou tinha algumas que _____ ?

(2) Ah, tinha! Eles eram unidos! Patrões. Eles eram unidos. Eles se comunicavam. Quando a gente entrevista pra eles e eles perguntavam: “Tu é do sindicato?”, já pra... Aí, eles davam um jeitinho. Eu passei trabalho pra entrar no Taurus! Eu entrei com 35 anos para o Taurus. Mas eu tinha muitos bons amigos, lá. Então, o diretor era da direita. Ele era tenente aviador aposentado. Ademar Zanque, da Marinha de Guerra. Mas eu tinha muitos amigos que me deram... Porque eu não era de briga nem nada! Eu era, assim... Eu trabalhava para o sindicato. Então, eles conseguiram uma vaga lá, aí no Taurus...

(1) É. E o Sr. tinha bastante experiência profissional, não é? No torno, não é?

(2) Já tinha! É, e ali no Taurus ainda tinha um outro detalhe: a gente tinha que começar por baixo, não ia direto no serviço. Porque o Taurus se ganhava o salário mais a comissão sobre produção! Tu acredita? Que a gente ganhava na produção, às vezes, mais do que o salário! Então, a gente tinha 2 salários no Taurus. Ganhava mais que qualquer funcionário da região... Mas...

(1) Pagava bem.

(2) Pagavam bem, mas depois vem essa Lei que vinha agora de armamento...

(1) Ah, sim! Agora.

(2) ...e aí, o Taurus só fazia revólver, não podia vender. Os militares não deixavam. E nós íamos acumulando. Foi até o telhado, quase, de pilha de revólver! E não saía. E aí então, numa primeira questão, nós perdemos, aceitamos o acordo de diminuir a jornada de trabalho e perder 10% do salário! Aí e já estava com estabilidade, viste? Mas eu não queria sair de mão abanando! Eu queria levar alguma coisa comigo. Queria ver se pegava uma indenização. E aí, nós perdemos, teve uma queda no salário violenta! Houve ocasiões que o Taurus pagou nós com revólver! Não tinha dinheiro pra pagar porque não vendia. Hoje eu tenho 1 em casa ainda. Já pensou? Que situação? Depois, nós éramos, quem trabalhava no Taurus, era considerado um burguês. Porque a gente ganhava bem. Agora, um contava o outro! Se aquele era malandro, não produzia: “Olha, se vira aí! Não é por aí!”. Porquê? Porque ele ganhava nas nossas costas! Então, todos produziam. Até 100%... Depois dos 100%, a comissão era um pouco menor. Mas nós chegávamos ali nos 95, 98... Então, vamos dizer que eu recebia 70 por semana, ganhava quase 130, 125... Cruzeiros. O dinheiro mudou tanto, não é? E assim foi... Acompanhei também, o Taurus crescendo.

(1) Claro... E o Sr. se manteve sempre como torneiro?

(2) Era. Não era torneiro. Era torneiro de produção! No torno automático. Quando eu fazia... No Taurus, por exemplo, o meu trabalho, eu comecei nas máquinas depois de trabalhar nos tambores dos revólveres! Fazia os furos, aquelas operações. Cada um fazia

uma coisa. Não era o camarada pegando a ponta aqui do revólver e deixar pronto lá, não. Cada um era num... E eu era nos tambores. Aí, me deram uma máquina grande, lá, um torno, e a gente trabalhava 12 horas por dia. Só respeitava domingo! Aí, eu ganhava o serão...

(1) Trabalhava até sábado.

(2) É. Sábado trabalhava. Às vezes, até de tarde. E eu ganhava o serão sobre as horas de trabalho e a produção que aumentava, também.

(1) Certo...

(2) Assim era, não é? Então, a gente fiscalizava muito lá, porque se ganhava bem. Se ganhava bem. Mas tudo foi terminando. Num tempo, nós éramos 440! Olha, _____, mas eu acho que não tinha mais de 20 que não eram do sindicato! Porque nós pressionava: "Tá tudo bem, mas tu tem que entrar para o sindicato, para os teus direitos...". Então, nós tínhamos uma força enorme, dentro do...!

(1) Mesmo tendo um salário alto. Já...

(2) O sindicato fazia campanha, lá, nós éramos os primeiros, eles sabiam que a gente podia pagar, a dar contribuição... Tinha outros colegas que trabalhavam muito fazendo força para o sindicato. Então, a gente pressionava: "Olha, tu tem que ajudar o sindicato! Se tu tá bem, agradece ao sindicato!", não é? Hoje, tu não consegue mais isso! De jeito nenhum! Não é mesmo? Porque se tu faz lá, qualquer pressão lá, tem os olheiros dentro da sala! Bota o cara pra rua, não é?

(1) Agora, essa empresa que o Sr. trabalhou antes, essa... Chimelim...?

(2) _____

(1) _____ . Ela produzia o quê, mesmo?

(2) Metalúrgica em geral. Tesouras.

(1) Tesouras...

(2) Tesouras e artigos de... torneiras, registros, essas coisas. Mas, a especialidade era torneiras que ele trouxe da Alemanha. Nos fazíamos... As primeiras tesouras eram de ferro fundido. Por causa de cair no chão e quebrar. Mas eles aclimatavam ela com imã que ela fazia igual a tesoura de aço. Ela pegava as agulhas e tudo. Depois, com o tempo, venderam para o Zire Hércules.

(1) Ah...! Foi incorporada pelo Zire.

(2) Ela foi. Exatamente. Nós ficamos, nessa firma, eu fiquei mais ou menos... Nós éramos 15 ou 20, os últimos! O resto já tinha saído.

(1) Mas chegou a ser grande, antes.

(2) Chegou. Era um firma grande. Essa era na Almirante Barroso, fundos, era Almirante Barroso, e a Cância Gomes era a frente dela.

(1) E era... O salário, pagavam bem, também?

(2) Pagavam.

(1) Pagavam...

(2) Pagava bem e eu era comissionado. O que eu produzia, eu ganhava. _____ e a esposa do _____, Dona Helen, ela era parálitica. E ela gostava, às vezes eu carregava ela, assim, também, ela não tinha as duas pernas e o pé também. E, o irmão dela, o Chimelim, ele era o diretor chefe, e ele não se dava com o cunhado. O cunhado era da farra, era um bonachão, _____ que se chamava, e era casado com a irmã, essa aleijada.

(1) É, dessa Chimelim, eu cheguei a ver notícia de uma greve, pequena, na fábrica, mas eu acho que foi antes do Sr. entrar. Acho que foi 36, 37...

(2) Eu entrei em 38.

(1) O Sr. entrou em 38, não é? É... Eu achei, até... uma notícia...

(2) Tem alguns nomes?

(1) É... Aqui eu não sei se anotei. É que aqui eu fiz um resumo, mas eu não sei se está anotado. Eu vou procurar nas minhas anotações, lá, pra ver se tem o material da... É, acho que não chega... Porque eu peguei nas atas do sindicato.

(2) Ah...! Nas atas...

(1) Nas atas do sindicato. E aí, eu lembro que eu não sabia que empresa era essa. Eu conhecia umas outras, mas essa eu não conhecia.

(2) Quando ela estava pra fechar, veio a greve maior que teve em Porto Alegre, que os metalúrgicos perderam, tu ouviu falar? Não aceitaram... 10, queriam 15. Perderam-se os 10 e perdemos os 15. Perdemos tudo. Eles não aceitaram. Mas o ... Mesquita disse assim: "A situação de vocês é de não entrar em greve, porque eles querem fechar a firma. E vocês entrando em greve, _____, tá a faca e o queijo na mão pra eles." Então, nós baixamos a crista, "Vamos trabalhar quieto", mas não entramos em greve. Aceitar tudo o que vinha. Porque ele queria fechar a fábrica! E nós, ninguém ia vetar! Não abria nunca mais, não é? Nós permanecemos lá dentro, perdemos. Perdemos. Ou era pra ser... Não estou bem lembrado mas nós perdemos, houve duas greves. Uma perdeu-se tudo, e naquela que nós não entramos na greve, quem não entrava, não ganhava! O aumento. Nós permanecemos quietos, lá, pra não perder o emprego. Mas combinado com o Mesquita.

(1) Isso em 50 e poucos, já.

(2) Foi. O Mesquita já estava sendo perseguido, já... Ele era comunista já nos Navegantes, ele era muito visado, lá.

(1) É, eu até estava olhando aqui nas atas da Câmara, porque ele chegou a ser vereador um tempo, não é?

(2) Sim...

(1) Eu acho que 2 vezes, não é?

(2) Foi reeleito.

(1) E ele... chegou a ser ligado ao Partido Comunista, mesmo, mas acho que por pouco tempo, não é?

(2) Comunista. Ele era comunista. Não tem dúvida. O ideal dele era o Partido Comunista. Mas pelo bem. Não era um indivíduo maldoso, assim... Ele queria ver mais conforto para as famílias. Havia muita injustiça e ele se batia muito por aquilo. Queria sempre que os operários tivessem uma vida mais digna! Então, ele primeiro lutou pela Colônia... Qual era o operário que ia ter um jeito pra veranejar? Aí, ele foi em Santos, fez uma cópia lá de como é que era a Colônia de Santos, lá, era mais novo que tinha no Brasil. E aí, ele implantou pra nós aí. Não foi fácil.

(1) Mas, depois, acho que ele se afastou do Partido Comunista.

(2) Se afastou, mas ele ficou só no... Mas ele comparecia ao sindicato! Quando tinha pepino lá, a gente chamava ele. Pra ele...

(1) Não, digo assim, que depois, ele saiu do Partido Comunista, eu acho...

(2) Ele, sim, saiu. Ele não ficou na atividade, não. Depois, o Partido foi enfraquecendo um pouco mais... A fase de ouro dos metalúrgicos foi com João Goulart de ministro do trabalho.

(1) Certo... Eu entrevistei muito uma outra pessoa que é da geração do Mesquita, também, mas que também era... Esse foi a vida inteira do Partido Comunista, que é o Eloi Martins. O Sr. chegou a conhecer o Eloi?

(2) Conhecí. Eloi Martins, Rochadel... Tinha o ...

(1) Rochadel... É. O Rochadel eu não cheguei a pegar porque ele faleceu. Mas o Eloi está vivo até hoje.

(2) E tinha também... O tal de Felipe... Esse trabalhava comigo... Rachevsk!

(1) Rachevsk. Eu ví nas atas, esse.

(2) Viu?

(1) Esse eu ví nas atas.

(2) Felipe Rachevsk _____.

(1) É. Tinha outra pessoa que aparece muito nas atas do sindicato é aquele... Henrique Venâncio Dionísio, que era do Miqueleto.

(2) Não é... Do Miqueleto. Era amigo do... O coisa... O Mesquita era do Miqueleto!

(1) Ah! O Mesquita era do Miqueleto, também.

(2) Trabalhava no Miqueleto. Era lá que ele trabalhava. Tem um tal de Belmonte, também.

(1) Belmonte. Isso.

(2) Presidente. E Visquinesque, tem? Galdemar Visquinesque?

(1) Pois, é. Tem, tem. Isso... Tem...

(2) Homem batalhador. Galdemar Visquinesque.

(1) Outro que aparece, também, já depois de 45 e tal, é o Luiz Vieira...

(2) Mas não podia me lembrar desse nome! Quebrei a cabeça ontem! “Eu sou Luiz Vieira!” Sabe porquê? Aquele tocador de música... gaiteiro, que tinha, ele cantava “ Eu sou Luiz Vieira”, e ele tem o mesmo nome, não é? Esse Luiz Vieira, vou te dizer...! Mas... Agora, que tu _____ ou não, não tinha jeito!

(1) Ele tá aí ainda, não é?

(2) Tá, ainda. Tá muito bem da vida, enquanto que ele trabalhava de vendedor de uma firma...

(1) É. Eu até estou... Tem um amigo meu que já falou com ele, já entrevistou ele...

(2) “Eu sou Luiz Vieira”!, eu me lembrei! Era um gaiteiro que tinha, de muito nome, um cavanhaquezinho, não chega a ser _____, não é?

(1) Não, não.

(2) Uma voz muito linda. E então, ele tinha o nome desse Luiz Vieira, e era uma coisa de louco.

(1) Certo... Agora, me diz uma coisa: o Sr. se filiou ao sindicato em 40, não é? Quer dizer, em pleno Estado Novo. Bem na época do...

(2) É. Estado Novo.

(1) Isso. E, na época, o Mesquita presidente, na época, em 40.

(2) Não!

(1) Logo que o Sr. entrou.

(2) Não. Não. Era outro. O Mesquita apareceu...

(1) Era o ... Devia ser o Sr. Valdelino?

(2) Valdelino Helenus!

(1) Isso.

(2) Um mulatão. Valdelino. Esse eu fui às últimas homenagens pra ele. O início do sindicato, começou na fábrica de... numa fundição, na Av. Brasil com Voluntários da Pátria. Então, tinha uns cobradores, só pra gente rir, o Hernesto Verk, ele saía do serviço, fundidor, que trabalhava... Meu irmão era fundidor, aí, eu ainda não era metalúrgico. Trabalhava, mas não era. Ele não tomava banho, saía com a roupa, fedia mais do que um zuilho! Ele vinha com a bicicleta toda amarrada, ele vinha cobrar. Cobrador do sindicato. Era 50 centavos... 500 réis! Ele vinha cobrar. Batia nas portas, a gente quase que tinha que tapar o nariz. Que ele saía e queria... O nome dele era Hernesto Verk. “Lá vem ele”! A bicicleta toda amarrada de borracha, mas ele cobrava direitinho. Se doou pelo sindicato. Essa que foi, era a Fundição Biens..

(1) Ele era da Fundição Biens

(2) Era. Ele era fundidor. Fundindo as peças no chão. Meu irmão trabalhava com ele.

(1) E quando o Sr. se filiou, por exemplo, em 40, porque que o Sr. se sindicalizou? Qual a sua... O quê o Sr. queria do sindicato?

(2) Vou te contar: eu era mais de futebol, reunião de futebol. Nós tínhamos um, que era meio pirado, esse se chamava Agenor, ele era espírita. Mas, ele tinha o dom de convencer a gente. Então, eu dizia: “A conversa está boa...”, mas estava aquele papo alí de futebol e tudo, um que jogou melhor, outro que não jogou, sempre assim. Havia o Campeonato Fabril, não se esquece, e disputava-se, o mais poderoso era o Estaleiro Sol, e isso influía muito no sindicato, também.

(1) Isso só entre firmas metalúrgicas?

(2) Só firma! Tinha que trabalhar lá dentro...

(1) Sei, mas só firma metalúrgica ou tinha outras firmas, também, junto?

(2) Não, era tudo. Tinha o Chapéus Eugênia, tinha a Geraldo Indústrias, que era Dom Geraldo, que era metalúrgica...

(1) Tinha campeonato todo ano?

(2) Todo ano. E era muito disputado, era um título muito grande, e os patrão dava o serviço pra quem jogava bem pra levantar a firma. Eles achavam que isso era um marketing. Então, quem jogava bem, ganhava serviço bom e era aquela... Como tem agora, no profissionalismo! Campeonato Fabril. Isso influía muito! Nos metalúrgicos... Então, como eu estava te contando, eles chegavam, assim, e “tá boa a conversa e tudo, mas vocês têm que entrar para o sindicato”. Nós fugia, dava no pé. Mas, tanto, tanto... Tanto ele insistiu, que ele pegou. E me pegou, também.

(1) Quem? O ...

(2) O Agenor. Chamava-se Agenor, era da diretoria do sindicato, era espírita, assim, meio, sabe...? Não cuidava de futebol, nem nada. Mas, tanto ele insistia, que de vez em quando, ele pegava! E, numa dessas, ele pegou à mim. Assim eu entrei. Isso foi pelos anos e... Início de 40.

(1) E, nessa época, o sindicato já estava com assistência, alguma coisa...?

(2) Já tinha! Nós tinha a sede na rua Santos Dumont. Era uma peça assim, como essa aqui, mais ou menos, Santos Dumont com a rua do parque. Não sei se tu conhece.

(1) Sim, sim.

(2) Conhece alí, não é?

(1) Sim.

(2) O sindicato mudou muito os lugares.

(1) Pois, é. Foi.

(2) Dalí, a gente esteve muito tempo nessa sede do clube bailante Rui Barbosa. Lá se fazia as festinhas, tudo lá. Na rua Riachuelo. Depois dalí, o sindicato, teve _____, eu fui pra Canoas, também, mas eu sempre acompanhava. Esse foi o lugar que, um dia, ele começou.

(1) O Sr. foi pra Canoas em que ano?

(2) Em Canoas? Eu fui em 52. Casei, fui morar lá.

(1) Tá... E, antes, o Sr. morava sempre por ali, pelo Navegantes, por ali?

(2) É. Morei na Cairú, que era a antiga Av. Germânia; morei na Av. Brasil, por ali, pertinho dos teus parentes, não é?

(1) Certo. Então, por exemplo, na época da enchente, o Sr. estava...

(2) Aí, eu morava na Av. Germânia, 48. Triste memória daquilo, não é? _____, lembrando, não é? A água, a gente saía pelo forro da casa, as portas não tinha mais. Ali, era baixo! A água parou muito tempo, estavam com a... a Farrápia estava construída há pouco tempo. Ali era a Av. Minas Gerais. Antes da Farrápia, era Av. Minas Gerais. Aí, a água ficou ali, só saía pelos bueiros! Ela pulava. Mas, quando ela ultrapassou a Farrápia, levava tudo com uma... Essas construção que eles fazem pra água, pra luz, aí, ela levava tudo pela frente.

(1) Ah... Ela represou, ali...

(2) Represou, ali. Ali era represa. Isso mesmo. Passou a Farrápia, foi um “Deus nos acuda!”. Voava tudo longe. Então, ela foi até a Benjamin, lá pela zona que eu morava, a Benjamin, quase com a R. São Pedro! Por ali, a água subiu nos trilhos, ali.

(1) E o Sr. perdeu muita coisa...?

(2) Nós perdemos... a casa não era nossa! Mas, os assoalhos, tudo, ficavam, assim, que nem lombo de carneiro. A gente não tinha muita coisa, mesmo! E, nós fomos tudo ressarcido. Não em roupas, em gêneros, em móveis, nada. Em alimentos. Não faltou nada. Tudo ganhava. Havia muita doação, fomos muito bem assistidos. Eu trabalhei muito nisso, doando, entregando rancho. Nos caminhão, a gente pegava os caminhão de carga, e ia levar gênero pra essas famílias, tudo.

(1) E provocou muita doença, assim, essas coisas...?

(2) Provocou. Ah, o pessoal tomava água dos _____, tragava, um cordão com uma latinha, uma caneca, e pegava aquela água. Alguns, ferviam e tudo. Não tinha água, mais nada! Então, usava aquelas águas pra tudo. A nossa zona, ali, sofreu muito, onde eu morava. Lá no Morro do João, ali não _____ 2 metros e meio de água, não é?

(1) Foi, foi.

(2) Não é?

(1) É.

(2) Ela baixou ali, não é?

(1) É.

(2) Foi triste, mesmo, mas aconteceu. Deixa eu ver como é que foi... É o Guaíba que eles não...! Eles já estavam começando a estreitar o Guaíba naquele tempo, não é? E o problema é que não estava, escoamento e choveu muito. Chovei 21 dias em maio! E, depois da enchente veio, estava sol e tudo e a água, vinha, o vento pra fora. Ventou muito Sul. E a água não ia pra lagoa. Então ela extravasava, ia pra fora. Então, tu vê lá, olhava assim, “O vento Sul. Ai, que tristeza...”; e o vento Sul chega pesava! Não deixava a água ir

pra Lagoa dos Pactos. Que chegava aqui, extravasava no Guaíba, não é? Navegantes foi um dos bairros que mais sofreu. Niterói, tudo...

(1) Agora, ali teve... A de 41 foi a maior, mas volta e meia tinha enchente, não é?

(2) Tinha! Eu, por exemplo, teve em 28, choveu, em 28 foi grande a enchente! Eu me lembro que na Casa Krup, que eu trabalhava lá, deu mais ou menos, 1 metro d'água, deu no assoalho, aqui, 1 metro. Em 28 e 36! Em 36 eles estavam fazendo a Av. Ceará, que ligava... Que ligava a Ceará, era o único elo que tinha, porque a Farrápia não estava pronta ainda, então, a Ceará ficou intransitável. E foi considerada uma loucura! Tão alto que era a rua. Pegava peixe! Na Ceará, em firma de cimento, aqui abaixo, a gente vinha nadando, nem se olhava nada. Juntava córregos, _____, passava alimentação era dali. Que vinha dos rios, tudo, do rio Gravataí...

(1) E as empresas perderam muito, também... Foram muito...

(2) Perderam. Perderam muito. A perda foi muito grande pra nós, não é? A gente fazia assim... Jaral! *(obs: jiral)* Conhece jaral?

(1) Sei.

(2) Pra guardar as coisa, e tudo.

(1) Alto, não é?

(2) O que se podia, a gente guardava lá.

(1) O Sr. estava nessa época na fábrica Chimelim.

(2) Sim. E aí, o Chimelim foram... Ali era perto do rio, ali, não é? Uma quadra e pouco. Por causa do Varig, ali. Conheceu o Varig velho?

(1) Não! O Varig velho, não.

(2) Não conheceu...

(1) Onde que era o Varig velho?

(2) Sabe onde é que está a Taurus, agora?

(1) A Taurus?

(2) Não! A Aços Finos Piratini? Ali foi a Taurus, antigamente!

(1) Ali foi a Taurus...!

(2) E do outro lado, tudo aquela área ali, era o Varig. Aços Finos Piratini era a Taurus. Eu comecei ali.

(1) Certo.

(2) E o Chimelim era há mais ou menos, 100 metros pra cá, em direção a Farrápia. Ali era a Taurus. Aços Finos Piratini comprou, foi no tempo do... Aquele que era de Caxias, que foi governador, aqui... o ...

(1) Piquês?

(2) Piquês. Foi no tempo dele. É... _____ muita _____. O sindicato passou trabalho. Barbaridade! A Colônia, lá, a colônia de férias, a gente tinha que se inscrever, tudo copiado mais ou menos, de Santos, que era considerado padrão, não é? São Paulo. Então, quando a gente abria inscrição, já vinha gente na véspera, como tem hoje pra consultar. A gente tinha direito a 15 dias, e quem não tinha título, eu já tinha título, eu também tinha a minha época pra me inscrever. Eu revezava com os filhos, com a velha, a minha patroa, pra pegar lugar melhor nos dias melhores do _____, mês antes de começar o veraneio! E lá naquelas, naquelas... Pardieiro que tinha lá, aqueles não precisam... mas tinha que entrar na fila, também. Mas aqueles, já não precisava ter título. Qualquer um metalúrgico tinha direito. Mas, quem tinha título, tinha direito a apartamento. É isso aí. Dava acomodação, não é? E o Mesquita... *(Provavelmente se dirigindo à outra pessoa:⇒)* Estava falando da Dona Hortência, aí, não é?

(1) Agora, em termos de reivindicações do sindicato, além das multas do sindicato, além da questão do salário, a questão, assim, de condições de trabalho, então, por exemplo, de equipamentos de proteção, de... Tinha alguma coisa que vocês...?

(2) Não. Começou no fim, quando o Taurus estava fechado, o negócio dos ouvidos. Isso foi uma das primeiras coisas, o barulho que nós... Houve muita... Quem esteve lá... Um cara passou uns aparelhos lá, medindo a poluição sonora, não é como chama? Alí, houve muitas indenizações. Porque as máquinas muito inconstantes, era barulho demais! Tinha muito acima do que era permitido. A gente que trabalhava alí, nem ligava! Mas acontece, que os aparelhos registravam. Depois, também, houve uma época que o verão, foi muito mal construído o Taurus! E aí, eles inventaram... Também ele trouxe de lá, de São Paulo, era água, pra refrescar pra baixo. O diretor mandou... A água corria, lá, circulava, assim, em canos, e não deu certo.

(1) Ah! Tá...

(2) Também não deu. Era um calor, mesmo. As coisas...

(1) O calor é muito grande.

(2) Quase nu lá dentro. Só de tanguinha, trabalhando. As máquinas eram muito perto e era um calor insuportável.

(1) Porque tem muita forja, também?

(2) Sim! Forjaria! Bastante grande a forjaria. Era a forjaria, batia os revólveres, a empunhadura do revólver, e também se fazia alicates, muitos alicates, chaves _____... Isso já era uma menorzinha, em outra parte. A do revólver era as máquinas chamávamos de pinote.

(1) E, em termos assim, de acidentes de trabalho, acontecia com freqüência nesse período que o Sr. trabalhou nas fábricas?

(2) Não.

(1) Não...

(2) Não tinha muito. Depois, a forjaria do Taurus foi pra Sapucaia. Mudou pra lá. Não tinha muito, não.

(1) Sei. E essa coisa assim, tipo do ruído, do calor, e tal...

(2) Muitos requeriam aposentadoria.

(1) Pois, é...

(2) Requeriam, ganhavam, e aposentavam com menos tempo. E, claro, não era só ali. Na solda, elétrica, tudo, também descontava. Mas o barulho...

(1) A solda é por causa dos olhos, também, não é?

(2) É. E nessas questões do barulho, muita questão o pessoal ganhava...

(1) Na Justiça.

(2) Eles tinham que indenizar. Mas o Ministério do Trabalho mandava uns caras lá com uns aparelhos, passava dias lá dentro registrando o barulho, lá. Era uma loucura o barulho! A fábrica foi mal projetada, ali. Ela cresceu, mas cresceu muito ligeiro, o Taurus. Muito rápido. E os martelos batendo ainda, os vizinhos reclamavam, rachava as casas dos fundos, da batida...

(1) Da batida...

(2) Andava rachando os pisos lá e tudo.

Final do Primeiro lado da gravação

(1) Deixa só eu perguntar uma coisa para o Sr.: o Sr. morou...

(2) A gente estava falando do barulho.

(1) É, estava falando do barulho. Eu estava querendo mudar de assunto agora. O Sr. participou do movimento do movimento, do sindicato, esse tempo todo, mas o Sr. morava ali na Navegantes até ir pra Canoas, é isso?

(2) Sim. Fui pra Canoas em 56.

(1) Certo...

(2) Não! Eu casei, fui morar... Houve tantas mudanças... Eu casei, fui morar na Monte Castelo, que é perto da Base Aérea. Ali, eu morei de aluguel, e depois, comprei atrás da Igreja de Canoas. Aí, que eu fui em 56 pra lá. Fiquei 4 anos nesse endereço, da R. Monte Castelo, e depois fiquei até 66 em Canoas, que vai lá pra Morretes, tal de Vila Harmonia, não conhece, não é?

(1) Não.

(2) Nem Morretes? Onde tem a fábrica de cimento.

(1) Morretes eu já ouvi falar. Eu não conheço, não, mas já ouvi falar.

(2) Dalí, eu mudei novamente pra Canoas. Aí, eu fui lá, fiquei até o fim, lá perto do Colégio _____. Aí, eu já tinha comprado... Nesse meio tempo, o Taurus se mudou, já pra Estrada do Forte...

(1) Estrada do Forte.

(2) ...e eu quis ir morar mais perto, e comprei ali na Travessa da João Buarque. E ali, eu trabalhei, deixa eu ver quando é que eu vim... 56... Me mudei 10 anos depois, 66, e ainda trabalhei 4 anos nesse novo endereço, ali. Em 70...

(1) Agora, pra aquele lado de lá, uma das coisas primeiras que ajudou a crescer pra mim, foi o IAPI, não foi?

(2) Também. Nós tudo se inscrevemos, ali. Eu também tive prontinho. Não me agradei porque havia muitos contratos, muitos sistemas de... não comprar no IAPI. Então, eu tinha uma economia que eu tinha ganho do Chimelim e a patroa ganhou, ela trabalhava no Rener, minha senhora. Ela era funcionária do Rener. Foi indenizada também, fez os 9 anos e botaram ela na rua. Então, eu tinha pra comprar, não cheguei a comprar no Navegantes, na Rua... Lá pelas imediações da Margarida! Onde tinha a fábrica Rener. Mas não comprei. Aí, eu fiquei em Canoas, na Vila Harmonia, lá, eu comprei, com a indenização. E, deixa ver uma coisa... Como é que foi...? Eu esperei 10 anos pra construir aqui. Quando casou, quando eu casei, tinha... Eu era pai solteiro. Porque a minha patroa, ela era órfã, e ela tinha 4 filhos, mas eram irmãos dela. E os homens, eu mandei embora. As meninas ficaram comigo. Casaram sob... Eu fui o segundo pai delas. Os homens eu não podia! Eu ainda fiquei com os meninos, aí, um tempinho, até que eles se encaminharam...

(1) Ela era a irmã mais velha.

(2) Ela era a irmã mais velha. Ela assumiu...

(1) E eles eram quantos?

(2) Eram... Deixa eu ver... Artur, José, Carmem... Eram 5!

(1) E era família aqui de Porto Alegre, também.

(2) Eles eram aqui de Porto Alegre, mas eram do interior. Eram de Venâncio Soares. E aí, a patroa também, levou minha mãe pra morar junto, então um cuidava do outro e a gente se acertava. E aí, eu esperei 10 anos! Pra... O Taurus demorou!

(1) Tá... O Sr., quando conheceu sua esposa, ela já trabalhava no Rener ou não?

(2) Sim.

(1) Trabalhava no Rener. Na costura?

(2) Não. Ela era como uma tecelona. Chamavam assim de ordição, fazer a lã. Ela não era tecelona, mas era uma... um início pra tecelona. _____.

(1) Eu sei... Faz aquela base, que depois vai...

(2) Que depois vai para os tecelões. Pra trabalhar... E aí, o Rener também era... Naquele tempo, o metalúrgico, quem trabalhava em oficina, que o setor era considerado metalúrgico, não era ligado à tece...

(1) Ah, eu sei! Porque o meu avô Arno trabalhou na oficina daquele _____.

(2) Conheci...

(1) Que era...

(2) Era papel, não era?

(1) Não. Era oficina mecânica. Era lugar que tinha sido do Rener. Também foi chofer, eu acho. Depois colocou a oficina, ali perto da Sociedade Leopoldina. E aí, eu até achei lá no material do sindicato uma época que teve uma campanha, na época da guerra, que fizeram uma campanha pra doação de dinheiro, pra dar um avião pra...

(2) Assim, roupa, jóia, tudo se dava...

(1) Pra dar um avião pra FAB, tinha uma lista, e na lista tem o pessoal dessa oficina e está lá o nome do vô Arno.

(2) É... Ele trabalha... Chering, o sobrenome, não é? Então, ela... A gente juntou-se, trabalhando... Não é como é agora. Guardava-se dinheiro, tudo. Sábado era pra trabalhar em casa, Domingo, fazia canteirinho pra plantar... Ter um verdurinha e tudo... Não, não... A vida era duro tudo o que se conseguia. Não era fácil!

(1) E o Sr., depois de casado, continuou com essa coisa de futebol, coisa assim, ou não, já tinha largado?

(2) De jogar?

(1) É. De jogar, de organizar time...

(2) Não, não deu mais tempo. Torneios da firma, lá.

(1) Certo.

(2) Dentro da firma. Sessão contra sessão, ainda me envolvia.

(1) Assim, em termos de diversão, sempre foi futebol.

(2) Sempre foi futebol. E, depois, um tempo que eu já conhecia, baile, Mas baile... Eu conheci ela num baile.

(1) O Sr. conheceu ela num baile?

(2) Num baile.

(1) E, baile, aonde que o Sr. freqüentava?

(2) A gente, olha, eu não tinha diversão. Quando eu ia, eu ia na Sociedade Ginástica Navegantes de São João. Esse que eu conhecia. Eles eram de lá.

(1) Exatamente. Eu conheço... Eram de lá...

(2) Navegantes de São João. E Gondoleiros. Que nós tínhamos o nosso clube _____ . Era gente mais ou menos. Tirando da firma, a gente tinha o nosso clube, que era um pessoal de gabaritozinho. Então, no Gondoleiro não entrava chinelão, e a Ginástica também. A Ginástica já era cara a mensalidade, o pessoal que freqüentou, então, era a gente mesmo.

(1) Mas tinha bastante operário, qualificado, assim...

(2) Ah, tinha! Mas o operário qualificado! Exatamente! Tinha baile...

(1) Operário qualificado, e o pessoal ali do comércio... Essas coisas assim, daquela região do 4º Distrito.

(2) Sim! A Navegantes São João era a base de alemão. Alemão é muito divertido. É um povo que trabalha, mas sabe se divertir, não é mesmo?

(1) Exatamente.

(2) E os gondoleiros, não. Os gondoleiros eram... O comércio era de italianos. Mas, os gondoleiros, era aquela velha guarda antiga dos moradores ali do...

(1) Os Gondoleiros, no início, era muito _____ do carnaval, ali, não é?

(2) Tinha! Blocos de carnaval. Tinha. Cordões carnavalescos. A Ginástica era mais é bailes. Kerpes. Kerpes, tinha muitos Kerpes, que eram 3 noites de bailes.

(1) E jogava muito bolão, também, não é?

(2) Bolão. Bolão nos seus troncos era jogador de _____.

(1) Eram todos jogador de _____. Agora, em termos assim, de... Eu perguntei de quando o Sr. foi pra Canoas mais por causa da questão política, mesmo, quer dizer, esse período de 40 e poucos em diante foi muito forte, naquela região, todo o PTB, não é? Quer dizer...

(2) Ah, foi! PTB. Da onde veio o João Goulart, isso tudo, não é? PTB. Predominava tudo, não é?

(1) É. O Brizola...

(2) É as raízes do Getúlio, não é?

(1) Isso. O Brizola se elegeu prefeito em 55, eu acho, não é?

(2) É. Até, eu não posso me esquecer de um detalhe. O diretor era da UDN, do Taurus. Então, quando mataram o Getúlio, ele subiu numa cadeira e colocou na pedra: "O nosso presidente deu um tiro na guampa...", não sei como é que, "...e escafedeu-se!". Uma coisa assim. Quando ele desceu, ele estava preso com um braço de cada lado, lá dentro, nós tínhamos gente do PTB aposentado, que trabalhavam lá, agarraram à unha ele. E foi escoltado numa caminhonete que um emprestou, dentro do Taurus, os operários prenderam o diretor, lá. Ele foi preso, ali. Chamava-se Sr. Adão. Um inspetor de polícia, que trabalhava lá dentro, que deu voz de prisão pra ele. "Ele deu um tiro na guampa e escafe...", de um jeito... E... Pulou, já estava preso, na mesma hora, ali.

(1) O pessoal ficou muito revoltado.

(2) Ficamos revoltados. Ah... Não foi fácil aquela vez que Getúlio se matou. E aí, a gente... A UDN era adversária do... Ele era tenente aviador ou capitão, alguma coisa assim, aposentado. Tinha caído num vôo, lá, e... diretor Ademar Zank, era o nome dele.

(1) Ademar Zank... É que aqui no centro, mesmo, nesse período do suicídio do Getúlio, deu muito quebra-quebra, não é?

(2) Deu! Muito quebra-quebra. Até, deixa eu ver uma coisa... No Taurus, hoje ela está velha que nem eu, num quebra-quebra lá no Taurus, no último andar, no negócio... a cotação, o pessoal subiu andar por ali, quebrando tudo, e ficou uma mocinha, era muito bonitinha, nada de namoro, não tinha nada com ela, mas eu admirava ela assim, e ninguém

queria subir lá. Ficaram com medo e eu fui. Eu banquei o herói, mas depois me arrependi. Chovia vidro por todo lado, só fazia assim, e eu desci com ela...

(1) O pessoal quebrou a fábrica.

(2) ... e ela ficou presa gritando, lá, ameaçando se atirar pra baixo! Aí, eu fui lá e trouxe. Porque, dos nossos ali _____ . Mas muita gente estranha, ali. Aí, eu desci com ela ligeiro, lá e hoje ela tá uma vovó, aí.

(1) Então, o pessoal quebrou a fábrica, mesmo, também.

(2) Quebrava tudo! Máquina, vidro, tudo quebrava.

(1) O Sr. acha que foi por causa dessa, desse diretor que era da UDN?

(2) Ah! Espera, aí! Não, não! Foi da guerra. Agora eu estou...

(1) Ah...!

(2) Da guerra dos alemães.

(1) Ah... Tá...

(2) Não era o Getúlio, não. Aí...

(1) Não, tudo bem. Mas... É. Claro, claro.

(2) Foi da guerra! Os alemães afundaram os navios brasileiros, e a firma era alemã, Chimelím, não é? E aí...

(1) É, e nessa época, ali nos Navegantes, tinha muita atividade de nazista, mesmo, não é?

(2) Tinha. É! Aqueles alemães que vieram de lá, já. Não foi _____ era puro alemão, mesmo. Não cedia nada.

(1) Os alemães que vieram de lá mesmo, não é?

(2) Que vieram de lá mesmo.

(1) E não tanto os que eram descendentes, aqui, não é?

(2) Ah, não. Esses já eram mais... Eles puxavam um pouquinho, também, mas não era tanto.

(1) Claro... Por exemplo: o Sr., na época, ouvia falar na questão da Varig estar envolvida com o nazismo e tal? Porque eu achei bastante coisa...

(2) A Varig?

(1) É

(2) Sim. Porque eu até... Não, eu não cuidei disso. Eu tinha emprego já marcado pra trabalhar na Varig.

(1) Certo...

(2) Porque... Quando eu estava entre o Chimelím e o Taurus, eu ajeitei pra trabalhar na Varig, através de um amigo... sogro do João, _____ .

(1) É! Pois, é. Meu bisavô.

(2) Seu bisavô. Porque tinha um velho Record, era alemão nato. Se lembra dessa família Record?

(1) Não, não. Esse, não.

(2) Ele era chefe, ele veio da Alemanha contratado. Então, ele ia me colocar lá na oficina pra eu... Eu ia ganhar muito bem. Já estava casado e tudo. Trabalhar nos tornos lá da Varig. Mas não dava vaga nunca. Aí, eles me ofereceram pra trabalhar de carregar carrinho, pra não estar parado, na Varig Cruzeiro. Que existiu. Mas eu não quis. Eu digo: "Não,..." Aí, eu não tinha saído. Foi feita na espreita. Eu não saí do Taurus porque a gente não tinha coragem de sair de um... Então, eu fiquei lá aguardando. Aí, eu voltei a trabalhar... Aí, não deu o serviço, lá! Porque não dava vaga. Era difícil pra pegar vaga! E aí, então, nesse meio tempo, me arrumaram no Taurus.

(1) E o Sr. acha que davam preferência pra contratar quem era alemão, ou quem era de família alemã?

(2) Havia isso. Não tenho dúvida. Isso havia porque, família alemã... Isso até pouco tempo, não é? Eles ainda continuavam isso. Alemão é... um elemento, tá no sangue deles, não é? Tá no sangue deles...

(1) E essa questão da política, por exemplo, o Sr. chegou a participar, chegava a participar, assim, por exemplo, na época de campanha eleitoral, apoiava algum vereador ou coisa assim...?

(2) Sim. Eu cheguei a ser cabo eleitoral e tudo. É...

(1) De quem?

(2) Do PTB. Isso foi um médico, eu fiz a maior campanha. Fiz na minha zona, lá. Dr. Marino Job Abrahão.

(1) Abrahão.

(2) Ele era um médico humanitário! Tirava dele pra servir. Até, não te esquece disso, ele atravessou... ele servia muito as ilhas. Porque ele tinha sido médico da minha falecida irmã, cuidou até os últimos dias dela e não me cobrou nada. Aí, ele pediu ajuda pra campanha dele. Aí, ele se dedicou pra as ilhas. Ele atravessava o Guaíba de barco, à remo, ajudando, em dias de temporal e tudo, pra socorrer eles lá. E no fim, ele perdeu as eleições lá nas ilhas. Acredita?. Aí, ele ficou muito sentido, não é? Perdeu as eleições lá, que ele não esperava, não me lembro se foi _____ Ribeiro, que Deus já levou, que foi que entrou lá e ganhou... Ali, que a gente pegou até noção da política, não é? Também, não é?

(1) Isso em que época, mais ou menos?

(2) Isso... Deixa eu ver...

(1) O Sr. estava trabalhando aonde?

(2) Trabalhava no Taurus!

(1) No Taurus, não é?

(2) Trabalhava no Taurus.

(1) Quer dizer que já...

(2) É. Não! Porque eu não... Quando fechou a firma, eu logo fui para o Taurus. Eu saí de uma porta e entrei na outra! Foi assim, não é?

(1) Isso já era depois de 50, então; 51, 52...

(2) Sim! Bem bastante tempo. E aí, então, o Dr. Marino... A gente continua ajudando ele! Ele atendia os familiares nossos, tudo, não é? Ele era um grande médico.

(1) E esses outros... Tinha alguns vereadores que faziam campanha por ali, o ... que fora deputado, depois Temperônio Pereira...

(2) Temperônio Pereira

(1) O Sr. chegou a conhecer, também...

(2) Temperônio Pereira. Esse eu conheci. E...

(1) Sei que ele fazia campanha ali na Ginástica, mesmo. Inclusive tem uma foto dele com o pessoal todo. Até tenho uma foto dele com o tio João. Com bastante gente do grupo...

(2) Ele não era um pouquinho, assim, corcunda?

(1) Ele era. É, era. Tinha um problema...

(2) É. Além dele uns...

(1) É... O Aloísio Filho.

(2) Aloísio. Esse era nosso vereador, aqui, dos Gondoleiros, ali. Foi presidente vitalício dos Gondoleiros. O José Aloísio Filho. Ele fora rapaz comigo! É, ele tinha um pouco mais de idade, ele era negócio da... Associação Católica São Geraldo e da Igreja São Geraldo, e tinha lá... jogava-se basquete, voleibol, tudo. Ele era dali. José Aloísio Filho. E tinha também, mas o outro não era o ... Roco Aloísio, o irmão dele. Esse sim, que era o ... Tem o nome dele lá na Câmara lá, não é? Não botaram o nome dele?

(1) Aqui. Na Câmara?

(2) É

(1) É o Aloísio Filho.

(2) Num salão...

(1) É, isso mesmo. É o Aloísio Filho.

(2) Muito boa pessoa. Muito serviçal que ele era.

(1) É. Porque ele foi vereador acho que várias vezes, não é?

(2) Foi. Foi. Realmente, muitas vezes.

(1) Durante muito tempo, não é...? Certo...

(2) Mas...

(1) Mas, tá bom.

(2) Vai perguntando.

(1) É. Eu vou pedir para o Sr. me ajudar, na verdade, numa coisa, agora, só que eu vou precisar de uma tomada. Se tivesse uma tomada aqui... Eu estou com um computador aqui, e tem umas fotos que eu peguei lá no sindicato... Tem umas pessoas: tem o Mesquita, que eu consigo reconhecer, mas tem o ... Está aqui na memória do... Tem alguns que eu não conheço, e quero ver se o Sr. consegue me identificar alguém. Eu tinha esquecido que estava aqui.

(Sequem-se aproximadamente 10 minutos de gravação onde são mostradas fotos ao entrevistado.)

...

(1) Não, mas está bom, Sr. Armando... Tá jóia...

(2) É... Lamento, isso aí, não poder quase te informar e tudo...

(1) Não, eu só queria ver se o Sr. conhecia mais alguém, assim, porque a gente pega, às vezes pega o nome lá nas atas e aí, depois, não... não sabe direito quem são as pessoas.

(2) Certo. A dificuldade era isso que eu te disse. Eu teria que ir em casa, ou vinha arrumado, saía do trabalho, ficar na reunião. Que eu fazia isso muito quando tinha as reuniões muito importantes. Mas, também, em Canoas, e tudo... Eu já vinha arrumadinho e pronto. Quando havia necessidade, eu fazia isso.

(1) Claro, claro... E tinha muita gente já, na época que o Sr. foi pra Canoas, tem muita gente que eu conheço que fala que foi morar pra lá nessa época.

(2) Sim. O pessoal pegara e comprara terreno pra lá e tudo.

(1) Era barato?

(2) É. Mas, mais era pra Gravataí, porque Gravataí formaram aquela... Bom: o sindicato teve a Guaíba, Via Mão e Gravataí. Antes, era tudo aqui.

(1) Certo.

(2) Depois, formaram Guaíba...

(1) A sub-sede.

(2) Sub-sede. Canoas... Guaíba, Canoas, Gravataí e... não me recordo... parece que Via Mão, também. Ela pegou as... dividiu em 4. Então, os problemas já eram resolvidos no Município deles de origem, então, quando era mais importante, eles iam pra lá. E, também, não te esqueces que o sindicato, também, foi muito tempo consertos de automóveis, mecânicos. Pertencia ao sindicato.

(1) Sim, a reparação, não é?

(2) Reparação de veículos

(1) Reparação de veículos.

(2) Depois eles se separaram.

(1) Separaram...

(2) Separaram. Por muito tempo nós demos assistência pra eles.

(1) Eu nem sabia que tinha separado...!

(2) Tinha sim.

(1) Mas isso faz pouco tempo, eu acho...

(2) Não, faz bastante tempo.

(1) Faz tempo já...

(2) Muito tempo eles não tinham condições de, de... assim... não tinham sede nem nada. Eles tinham 1 dia por semana, quando eles queriam marcar a reparação de veículos pertencia a ...

(1) Aos metalúrgicos.

(2) Aos metalúrgicos. Era separado, mas era... Não é? Pertencia, lá.

(1) O Sr., depois de aposentado, não participou da associação de aposentados do sindicato ou coisa assim...

(2) Não. Fiz algumas coisa, mas não tanto!

(1) Não tanto. Foi mais quando estava na fábrica, mesmo.

(2) Mais, foi na prática. Mas, basta dizer, que eu não saía. Eu morava perto da sede do sindicato! Eu era... Morava há 15 minutos do sindicato dos metalúrgicos! Eu não ia lá... Olha, pra te dizer a verdade mesmo, eu mais... tive um pouquinho mais afastado... Porque eu era mais metalúrgico do que político, sabe? Mais _____, não é? Então, eu acho que eu, quando começou a entrar muito, muita confusão, lá, CUT, aquelas coisa, foi aí que eu me afastei um pouquinho. Eu estava achando um pouquinho... estava um pouquinho se desviando do ideal do sindicato. Mas era o movimento que estava crescendo! É que não estava entrando bem na minha cabeça. Eu queria só, mas não dava pra permanecer, eu precisava da CUT, tudo, não é?

(1) Da mudança, não é?

(2) Que era uma bagunça danada. Que era muito bagunçado.

(1) É, teve muito conflito.

(2) Muito conflito lá dentro, não é?

(1) Teve, teve.

(2) E é o tempo que eu mais me afastei, mas nunca saí de sócio, nem nada. Isso, nunca, não. Pra informar, eles me mandavam boletim, o que estava acontecendo. Sempre. Isso eu sabia. O que estava acontecendo no sindicato, eu sabia. Tinha... Num veio aí, um tal de Turíbio, que... Um sobrinho meu casou com uma... Ele era secretário do sindicato. Turíbio, o nome dele. Esse me informava tudo o que acontecia quando eu não podia ir, também. É... Muita coisa. São bastante anos. A gente... Eu sei que 50 anos, eu pagava a metade da mensalidade, com 50 anos eles não... não precisei pagar mais nada. "Mas Pinheiro, tu ainda paga o sindicato?" Eu: "Não pago..." Isso aí, não é?

(1) O Sr. tá trabalhando... Essa coisa de ser cobrador do Círculo do Operário, o Sr. antes já tinha algum contato com o Círculo do Operário, ou não? O Sr. só...

(2) Minha falecida irmã era professora de corte e costura, lá. Mas eu, eu sabia... Isso, é um movimento, o Círculo do Operário, criado por Getúlio Vargas, pra combater o Comunismo. Isso aí é bem a ... oposto... Que, quase pra se filiar ao sindicato, nós divia ver é padre, "comunhar", mas não deu!

(1) É...

(2) Começou, mas não deu.

(1) É. Eu sei que o Mesquita mesmo, eu vi uma entrevista dele, gravada, antes dele falecer, que ele dizia que o Círculo do Operário era um jeito da Igreja tentar competir com o sindicato.

(2) E o Getúlio, era até religioso, deu terras para o Círculo do Operário, aqui, ao lado da Igreja de São Pedro, tá lá uma assinatura, lá. Porque ele queria que crescesse aquilo porque era oposto ao... Mas, eu não entrei lá. Entrei, assim, um pouquinho na diretoria, mas não entrei pra trabalhar. As coisas começaram a ficar meio difíceis na aposentadoria. E eles me deram, lá, um tempo na secretaria, depois eu não me agradei muito. Me inchava os pés e tudo. Aí, fui pra rua de cobrador. Porque eu já era... Porque nós fundamos 3 cooperativas dentro do Taurus. Eu fui fundador, lá. De crédito, de consumo, e umas outras aí. De crédito, era emprestar dinheiro; _____, e a de consumo é de gêneros alimentícios. Foi pra frente, aquilo, não é?

(1) O Sr. mesmo que... O Sr. participou do, da...

(2) Sim! Da diretoria daquilo.

(1) ... da organização... E tinha rendas metalúrgicas? Alguma empresa que tinha essas coisas assim, de assistência, de cooperativa, da própria empresa? Porque, por exemplo...

(2) Só o Rener!

(1) O Rener que tinha muito, não é?

(2) O Rener, tinha. Que a minha patroa... Caixa beneficente. Do Rener.

(1) Do Rener era muito forte.

(2) Ela era forte. Ela era... Antes da pessoa se aposentar no INPS, pelo API, podia se aposentar pela Caixa! A Caixa pagava o mesmo valor.

(1) E tinha médico, também... Essas coisas...?

(2) Tinha! Tinha médico dos bons. Esse Juarez foi um que freqüentou as creches do Rener.

(1) Hum... Ah, freqüentou as creches do Rener!

(2) A patroa ia trabalhar e deixava ele na creche, depois tinha um tempo que ela ia lá e dava mamá pra ele e tudo e voltava para o trabalho.

(1) Olha só...

(2) Nós tínhamos fotografia dele, ainda!

(1) É, pois é. Isso era muito avançado nessa época, em termos de empresa, assim.

(2) As creches... E aí, o Círculo é que fundou... O Círculo era médico e creches. Mas era de Igreja, movimento de Igreja. E a minha irmã trabalhava... Mas eu não fazia parte. Eu entrei para o Círculo em 73.

(1) Entrou pra trabalhar, mesmo.

(2) Entrei pra trabalhar. Aí... Me levaram... Já tinha aquelas raízes da minha irmã e eles pegaram a mim pra reuniões e tudo, pra... Entrei pra diretoria durante muito tempo, fui delegado, também, na floresta, então, depois eu passei a ser cobrador em definitivo. Cheguei a cobrar... Tinha 300 sócios nas minhas costas! A pé! Cobrei. Dava conta. Hoje, se tiver 100, é muito! Idoso não paga passagem, não é?

(1) Claro.

(2) É. É... Só. Que aconteceu.

(1) Não, tá bem...

(2) Hoje o Círculo tem um patrimônio muito grande. Se não ele não sobrevivia, não é?

(1) Claro.

(2) Porque está difícil. Mas eles tem lá negócios de médicos, de creches... Creche tem muito. Em toda, em volta da cidade, aí, tem as creches. Mas é pago! Não é pouco! É quase a base de um salário. Tem assistência médica e tudo. Não é qualquer uma pessoa que pode...

(1) Que pode...

(2) O que ganha já tem que deixar lá na creche!

(1) É. Já não atende mais o operário do jeito que era.

(2) Não! Não atende, não.

(1) Tá certo...

(2) Quer dizer que, dos Navegantes, tu sabe pouco?

(1) (RI)

(2) É. Quase nada, não é?

(1) Quase nada.

(2) Navegantes era, todo Porto Alegre era os Navegantes. Toda as fábricas, aqui... Tinha o Guaíba, o Rener, tinha o ... o Zive já era pra cá. Essas duas: Guerdal! Já ouviu falar no Guerdal, não é? Fábrica de móveis Guerdal. Essas 3 aí...

(1) A fábrica Guerdal, nessa época era só móveis ou já tinha metalúrgica, também?

(2) Não! Era só móveis.

(1) Só móveis. Depois que eles entraram...

(2) Depois, veio a fábrica de pregos Guerdal.

(1) Ah... Começou com prego!

(2) Depois, a Siderúrgica Guerdal. Comprou aí essa...

(1) Os móveis eram aqueles móveis vergados, não é...?

(2) É. Madeira vergada.

(1) É. Isso eu lembro, do...

(2) Eles trabalharam lá, _____

(1) ... do João. É! O João ainda consertava pra mãe. A mãe ainda tinha umas cadeiras, aquelas de palhinha, ele ainda consertava aquele negócio...

(2) E o João, foi trabalhar num escritório! Ali na Praça XV. Aquele serviço foi pra um dos meus irmãos. Mas ele não tinha preparo. O João estudava de noite. O João dirigiu muitos anos. Os meus móveis ele me deu, quando casei. Tenho lá tudo. Ainda tenho alguns, acredita? Como eram bem feitos, não é?

(1) É! Não, a qualidade é... Quem teve, dura a vida inteira. Tá jóia. Mas, aos poucos, eu vou aprendendo um pouquinho...

(2) Hein?

(1) Aos poucos, eu vou aprendendo um pouquinho, não é? Da... Já entrevistei bastante gente, já.

(2) O Walter é teu...?

(1) Meu tio avô. É irmão do meu avô. Sou do Arno. Mas eu não cheguei nem a conhecê-lo.

(2) A sua avó... Lídia?

(1) Lídia.

(2) Conhecí muito, ela.

(1) Ela faleceu agora!

(2) Eu soube, eu soube.

(1) É! Interessante isso. Que as pessoas que moraram por ali, mesmo morando distante, todo mundo, mais ou menos, acompanha um pouco o que está acontecendo.

(2) Se conhecia.

(1) Se conheceu, e acompanha depois, não é?

(2) Ah, é.

(1) Essa coisa da época da enchente, por exemplo, o pessoal que morava na Pernambuco e tal, eles contam muito, assim, de como um ajudou o outro... Isso era muito...

(2) Ah, foi! Não tenha dúvida. Salvaram muitos. Se ouvia os gritos de noite: "Socorro, socorro!", a gente tinha que ir lá, não é? A gente, que se criou no Navegantes, não tinha a praia, não é? Que a gente era nu, muitas vezes apanhamos, fomos presos, quando era no rio, não tinha nem calção! Tirava as cuecas e tudo. É lá nos Veleiros do Sul, conheceu?

(1) Não, não.

(2) O Areal. Deixa eu ver o que que é agora, lá... Ah! Fizeram o cais novo, não é? Fizeram. Então, a gente tomava banho lá. A polícia batia e, às vezes, ficava com a roupa da gente! Porque a gente mergulhava e eles não pegavam nós, não. Então, a gente nadava bem. Então, nós não tínhamos dificuldade nenhuma de se atirar, salvar galinha, um bicho nadando... Nós tirávamos da água. Agora, afunda! Na enchente, não é? E nós tirávamos. Pra socorrer o outro. Tu via a água podre, vinha de tudo. Bicho nadando...

(1) E o Sr... Na época, vocês ficaram aonde? Quando água entrou em casa...?

(2) A enchente de 41?

(1) É.

(2) Bom, nós morávamos na... Deixa eu te explicar... Na Av. França, não... Ali... Trabutã... Já era Cairú! Eu já fui vizinhar com a minha esposa, que eu nem conhecia. Conhecia as tias dela, ela era uma menina, quer dizer, era 10 anos mais velho que a minha esposa. Aí, a casa que os _____, que era um dono daqueles, ali, era alemão, estava quase no forro, 2 metros e 40, mais ou menos, a água que estava! A porta sumiu, não é? Aí, nós fomos morar perto da Corlac. A minha irmã... Conhece a Corlac?

(1) Sim.

(2) É ali na...

(1) Na _____?

(2) Na Cozerix. Ali, nós ficamos até... baixar as águas.

(1) Certo... È, o pessoal que estava ali pra cima, já escapou.

(2) Não! Ali não tinha jeito. Se a água fosse ali era...!

(1) Bom, aí, acabava a cidade toda...

(2) Acabava, mesmo. Não tinha jeito. É muito alto.

(1) Eu conheço... Teve um alfaiate que eu entrevistei, que é do Rener, que é um senhor ucraniano, Sr. Gregório Tomachevsk, ele era da Sociedade Ucraniana, é...

(2) Sociedade Ucraniana é perto da minha casa!

(1) É. Isso! È isso, mesmo. Ele participa... Ele está... Ele tem 90 e tantos anos...! E ele foi... alfaiate do Rener muito tempo. Ele mudou, eu acho que 1 ano antes, lá pra cima.

(2) Ganhava pouco?

(1) Sr. Gregório? Mais ou menos.

(2) É. Nessas minhas andanças de cobrador, agora não encontro quase... Encontrei muito, nos Navegantes, lá. Mas eu já... Agora... Já era um velho, já estou há tantos anos lá... _____

(1) Já tem pouca gente?

(2) Tem pouca gente.

(1) Já tem pouca gente... Mas, tá ótimo, Sr. Armando...

(2) Tá bem.

(1) ... Muito obrigado!

(2) Nada, que isso!

(1) Qualquer hora, eu estou vindo aí.

Talvez alguma coisa pode faltar aí. Falta de lembrança, não é?

FIM DA ENTREVISTA